

# PROSTITUIÇÃO EM FOCO

Dom  
26/9/82

Para que alguém tenha apreço por si próprio, é preciso que os outros apreciem; para que uma pessoa tenha consciência da sua dignidade é preciso que essa dignidade lhe tenha sido conferida pelos que a rodeiam.

Quem foi humilhado e espezinhado para lá dos limites do respeito que se deve a um ser humano, criança ou adulto, mulher ou homem, tenderá naturalmente a desprezar-se a si mesmo. Por isso exaltemos como heróis e exemplares aqueles ou aquelas que, sob a humilhação e opressão extremas, forem capazes de manter a cabeça erguida, preservar a sua dignidade de seres humanos.

E a consciência da dignidade como ser humano é tanto um fenómeno individual como colectivo e social.

É ingenuidade, quando não é ignorância maldosa, é confusão ou vontade de confundir, quando se atribui à prostituta a indignidade da prostituição, escamoteando o facto de que toda a prostituta tem parceiros e teve promotores, voluntários ou involuntários, conscientes ou inconscientes.

A prostituição é em primeiro lugar uma responsabilidade da sociedade inteira. Começa na educação familiar e na escola e tem muito a ver com o exemplo, o modelo de relações humanas e entre sexos que às crianças é dado.

O machismo, o sentimento de superioridade do homem sobre a mulher e o desprezo por ela como pessoa que pensa e tem sentimentos, que não é serva por natureza como ninguém o é, começa no seio da família. Ele prolonga-se na vida em sociedade, quer no mundo do trabalho quer nas próprias instituições sociais.

Mas o fenómeno da falta de dignidade é muito mais vasto. Há de facto quem por oportunismo e comodismo, desista de ter orgulho e de impor aos outros o respeito que lhe seria devido.

A prostituta como todos aqueles e aquelas que aceitam ser humilhados e aviltados, sem mesmo terem consciência de que o são, que o fazem sem desgosto e mesmo com alguma vaidade, são gente que não é gente, preferem ser o lambe-botas de alguém.

É que há quem prostitua o seu próprio corpo e quem prostitua coisas muito mais graves e a questão é sempre a mesma: ausência do sentido do que é dignidade.